

Caráter acima da vitória

Dezassete segundos. Foi o tempo que me separou da vitória no campeonato regional de atletismo. Dezassete segundos que evaporaram quando o adversário à minha frente tropeçou num obstáculo mal posicionado. Poderia ter continuado, aproveitado o infortúnio alheio e conquistado o pódio. Mas, parei. Perdi. E, naquele momento, compreendi algo fundamental: a ética desportiva não se limita às regras escritas, mas às escolhas que fazemos quando ninguém nos obriga a escolher bem.

Efetivamente, a ética, quer na vida, quer no desporto, requer quatro pilares fundamentais: integridade, justiça, responsabilidade e respeito. No entanto, o desporto contemporâneo enfrenta uma crise de valores profunda. Vivemos numa época em que a vitória se tornou um absoluto, um fim que justifica qualquer meio. Vemos atletas que enveredam pelo «*doping*», clubes que manipulam competições e espetadores que glorificam a violência disfarçada de garra.

Vejamos o desporto de formação, a título de exemplo. Observamos constantemente treinadores que incentivam crianças a simular faltas, pais que insultam árbitros em jogos infantis, clubes que valorizam apenas os resultados imediatos em detrimento do desenvolvimento humano. Quando uma criança aprende que trair as regras é aceitável, se ninguém a apanhar, não estamos a formar atletas, mas a criar adultos sem bússola moral. O desporto de formação deveria ser a escola da ética, entretanto alguns transformam-no numa fábrica de vencedores sem princípios.

Destarte, a questão essencial permanece aberta: porque persiste a ética num mundo que a penaliza? A resposta é simultaneamente simples e perturbadora. A ética sobrevive porque, sem ela, o desporto perde a substância que o distingue do caos. Competir implica aceitar constrangimentos mútuos, estabelecer parâmetros justos e reconhecer no adversário não um inimigo a aniquilar, mas um parceiro indispensável ao nosso próprio aperfeiçoamento. Quando violamos estes princípios, não estamos apenas a infringir regulamentos, estamos a corromper a essência da competição.

Porém, esta destruição manifesta-se sorrateiramente, sobretudo nas pequenas transgressões quotidianas: a simulação não assinalada, o puxão de camisola dissimulado, o silêncio perante uma injustiça. É precisamente aqui, nestes momentos impercetíveis, que o nosso carácter se forja ou se fragmenta. A integridade não é um obstáculo ao sucesso, é o alicerce sobre o qual a verdadeira vitória se edifica.

Em suma, ainda recordo aqueles dezassete segundos. Não conquistei medalhas, mas ganhei algo infinitamente mais valioso: a certeza de que posso olhar-me ao espelho sem desviar o olhar. Porque, no final, quando os aplausos se dissipam e os troféus acumulam pó, resta apenas uma pergunta inevitável: que pessoa escolheste ser, quando ninguém te observava? A resposta a esta interrogação define não apenas o atleta, mas o ser humano que somos.